

“PRA VIRAR GENTE”: UMA ANTROPOESIA

Lênora Santos Peixoto¹

Nasci e me criei no interior, no sertão de nordeste, *sim sinhô*
Mas o destino me fez mudar pra *capitá*
“*Pra virar gente, menina, ocê precisa estudar*”
Voinha me dizia, fatigada de tanto capinar

Entrei no curso de Direito, *pru’mode* as leis estudar
Me alfabetizei no *juridiquês* que só *dotô* sabia falar
Mas como explicar a Voinha aquele linguajar
Que mais parecia *viçagem de menino buchudo a se coçar?*

Despacho para Voinha era oferenda
Inconstitucionalidade um *mói* de letra junta
Apelação só se fosse de *sufrência*
Se eu falava em *condenação* já era um “*Deus nos acuda!*”

E, nessa arenga de palavreado difícil, de que adiantava das leis eu saber
Se o povo que eu defendia sequer conseguia me entender?
Uma torre de babel havia entre o povo e o poder
Fui pro mestrado em antropologia pra tentar resolver

A voz do outro eu ouviria e até com seu silêncio eu iria aprender
Com uma postura inquiridora os construtos históricos eu iria refazer
Através das ideias alternativas, a epistemologia da alteridade eu estaria a promover
Pela desestabilização produtiva da episteme colonial do saber.

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Intercambista em Missão de Estudos no Departamento de Antropologia da Universidade de Bordeaux, Campus Victoire (FRA). Especialista em Residência Judicial pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e pela Escola de Magistratura do Rio Grande do Norte - ESMARN (Bolsista). Bacharela em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Com os zóio arregalado, voinha teve que me dizer:

“Djabo é isso, menina, cê tá falando do quê?

Tá que nem gente *estribada*, meus *miolos* cê quer comer?

Falando difícil assim sua Voinha não vai entender”

E eu percebi que era oco o meu discurso sobre *descolonizar*

Se eu *arengasse* com o outro por um certo modo de falar

Não tinha direito nem antropologia libertadora

Sem o respeito a diversidade da linguagem e sabedoria popular

E foi assim, Voinha, que a senhora e as ruas puderam me mostrar

Que “*pra virar gente*” ninguém precisa, necessariamente, estudar

Pois todos nós *já somos gente*, Voinha, ainda que outros tentem negar

O que é preciso mesmo, Voinha, é saber lutar!

Lutar por quem é da gente e por quem é diferente

Por quem fala de outro jeito e por quem sequer pode falar

Pois estudar pouco importa se, da nossa boca *ingembrada*, a gente falar correto a coisa errada

Patativa do Assaré já me lembrava o que muito “*doutô*” lá no *poder* me fez esquecer

Não adianta ser eu mestra ou doutora, Voinha, se você não me entender

E eu não entender você.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Submetido em 30/06/2020.

Aprovado em 18/07/2020.